

SEI PARA ONDE FOI A CLASSE QUATRO...

Conto inédito de Carla Roque e Cunha

Não vai ser fácil escrever isto. De cada vez que me ocorre uma boa história para escrever, se deixo passar a inspiração, depois é bastante mais difícil, como hoje, agora, falar e discorrer sobre o assunto. Mas esta história tem a sua graça, e só por isso, merece o esforço que vou fazer. Houve alturas na minha vida em que até achei que poderia vir a ter futuro nestas coisas da literatura, nem que fosse daquelas «light», aquele género de literatura de que as outras pessoas falam com uma secreta raiva (inclusive eu). Pois, mas é verdade que passados estes anos todos, não me parece que seja «fat» ou «light». É mas é... coisa nenhuma, ou então, como é aqui o caso, apenas o reconto de uma situação gira para mais tarde me rir de mim própria. Saí de casa decidida a ser uma boa menina e a alcançar o céu, mesmo que ele não exista. Fiz, no meu trabalho, tudo com o maior afinco e insuspeitado interesse intelectual, ajudei o aluno como devia, dei as voltas que tinha que dar, fiz os mapas da biblioteca, tudo como manda o figurino. A ideia é cultivar-me na confusa tarefa de desbravar o funcionamento e a organização de uma biblioteca. Nunca tinha pensado nisso, mas compreender de que forma está organizada uma biblioteca, ajuda-nos a pensar com maior clareza e torna-se mais fácil depois organizar outras tantas ideias. Preocupe-me, de princípio, em observar com muita atenção, como é que a nossa biblioteca da escola estava organizada e entretanto achei, com bastante certeza, que se fizesse o mapa dela, com as respectivas prateleiras e acessibilidades, seria meio caminho andado para me movimentar com maior à vontade por lá. Observei com olho clínico toda a área que me circunscrevia, detive-me em alguns poemas que a minha colega havia afixado nos placards, a propósito do Dia dos Namorados, aproveitei para meter o nariz na arrecadação que ainda não tinha conhecido e enfim...o tempo foi passando. Sobre os poemas de amor, devo dizer que com bastante agrado li todos os que haviam sido afixados (tenho esta mania compulsiva de ler tudo quanto apanho à minha frente), mas, ao mesmo tempo, fui procedendo a uma análise e seriação estética. Li alguns, de alguns nomes sonantes da nossa literatura de que gostei, outros nem nada. Continuo a achar que para se dizer as coisas de forma interessante, nem sempre é preciso recorrer a um vocabulário exótico, nem a normas de versificação muito complexas. A beleza do poema está em tentar transcrever aquilo que não é traduzível nestas coisas dos sentimentos e das emoções. Aliás, devo dizer que na minha opinião, os sentimentos ou estados de alma/espírito são, sem qualquer dúvida, os elementos mais difíceis que há para serem descritos com propriedade e de forma a que nos percebam. Descrever um prédio, uma paisagem, não é de todo tão difícil, porque todos os elementos encaixam uns nos outros para produzir aquele enquadramento em que se dá corpo à imagem. Basta começarmos a descrever esse prédio pelas suas características mais notórias, acrescentar algumas particularidades, fazê-lo num ritmo que não seja muito sonolento e aí teremos um conveniente retrato perfeitamente conseguido. Basta incorporar no texto, umas características com outras e ninguém nos parará para perguntar como raio é que chegámos exactamente a essa imagem. Ninguém se lembra de colocar em questão a retratação de um edifício. Garantidamente, quem o fez, foi de facto bastante fiel à sua traça e não procurou

inventar formas de dizer os elementos do prédio, de uma forma que possa causar qualquer estranheza. Tu dizes «o prédio amarelo, todo em estilo pombalino, lançava uma agradável sombra sobre a rua do Ouro. Indiferente à fachada imponente e às memórias que aquelas paredes guardavam, passava a turba, esbaforida, atrasada já para picar o ponto num dia mais de expediente». Isto não me parece nada problemático, pois toda a gente percebe qual é a intenção desta descrição e provavelmente até irá concordar com ela. A não ser que achem que em vez de amarelo, a cor do prédio é mais esmaecida, logo, um ocre desmaiado em vez de um amarelo "amarelo" daqueles. Ou então, só não concordam com aquela parte do «picar o ponto», já que hoje em dia é tudo informatizado e essas máquinas infernais há muito que passaram a sucata. Mas, de qualquer forma, e é nisso que me quero concentrar agora, há que assumir que descrever um prédio não é nada problemático, comparando com a descrição de um sentimento que queremos traduzir de forma «dizível». A este propósito, vêm-me à cabeça o soneto de Camões, que eu continuo a achar um «must», na arte bem difícil de descrever um sentimento tão universal e interessante quanto o Amor. E a seguir a Camões, vem-me também à cabeça Florbela Espanca, no seu frémito voluntariamente denso, quando se deixa levar pelas energias da torrente emocional, firmemente decidida a tudo fazer...«perdidamente». Recordo os versos de Camões e apercebo-me que de facto, é, para mim, aquele soneto o mais emblemático, o mais estranhamente simples que de forma sublime e artística, consegue descrever a natureza paradoxal do amor. Ninguém o terá feito melhor, isto é, dizer o «Amor». Até porque não é bem para toda a gente, nem mesmo para os pretensos candidatos a escritores, esta difícil tarefa de descrever o Amor. É caso para se dizer que é impossível dizer o amor, só se consegue fazê-lo ou não. E isso, pelos vistos, nem toda a gente... Quando o poeta afirma «é fogo que arde sem se ver», consigo imaginar a fogueira inicial, o Fogo primeiro, o princípio de tudo. Ao jeito de Sá-Carneiro, quase consigo visualizar as ondas que nimbam os seus reflexos doirados em espasmos vibrantes de laranjas e encarnados. «Ah, ungir-me de fogo!!!». Depois, quando surge «ferida que dói e não se sente», só me ocorre ao pensamento as bolhas que fazemos nos pés, junto aos tornozelos, sempre que calçamos sapatos novos. «É um contentamento descontente» remete-me de imediato para a doença bipolar e para a sua dificuldade de aceitação em termos sociais. Porque não admitir que é uma doença moderna, quase crónica, num mundo que não espera por ninguém e que já anunciou que o amanhã já não vai vir? «É um cuidar que ganha em se perder», traz-me ao pensamento a esperança obtusa, sempre renovada e nunca concretizada, de poder ganhar o Euromilhões. «É dor que desatina sem doer», lembra-me de imediato a cocaína, o ópio do povo, a tentativa destrambelhada de embotar os sentidos para não sentir nada. E é bem melhor ficar-me por aqui, ou então daqui a bocado, já estarei nos antípodas do que me levou a escrever estas simples palavras. Podem não ser ingénuas, de facto, mas são inócuas, não fazem mal a ninguém...nem bem nem mal. São o que são, e o seu valor é o que as pessoas lhe quiserem dar, inclusive eu própria que as escrevo... Depois disso, lembro-me de ter visto alguns poemas daqueles mesmo apaixonadamente delirantes e sangrentos e me ter dado vontade de lá colocar um rótulo fluorescente a dizer «fora de validade». Alguns eram tão tristes que mais pareciam sobre as exéquias do amado, ao invés de celebrarem a vida que nos escorre, tal como a seiva das árvores. «O mito é o nada que é tudo», sim, exacto, mas no meio de tudo, há quem nem do mito se recorde. E depois há aqueles saudosistas que lamentam o tempo e a energia perdidos, há os outros indivíduos cítricos que nem da água que passou debaixo da ponte se conseguem lembrar, quando esta era livre e corria desatinadamente. Enfim, há também aqueles que não crêem, que não querem crer, porque isso é uma não evidência real da vida de todos os dias. Ainda me lembro

quando escrevia os meus primeiros poemas de amor...e tenho certamente saudades, não da pessoa que era então (já mudei tantas vezes de pele entretanto), mas sim do sentimento que naquele momento se queria tanto transcrever. E para quê, pergunto-me eu agora? Para se dar conta de que há coisas que não se dizem—sentem-se e pronto? E para quem, pergunto-me eu de repente...para todos quantos já não vivem esse sentimento e há muito o enterraram? Todos aqueles que seguiram a sua vidinha, no seu ritmo, no padrão formatado que escolheram viver, na ânsia de não terem muito que amortizar, quando chegar o fim da vida de empréstimo que lhes foi dada passar? Não sou amarga, não, tenho só os pés bem assentes na terra e sei que mesmo quando salvamos a vida a alguém, nem sempre essa pessoa se lembra que nós existimos, mesmo que lhe entremos pelos olhos dentro, como se fosse um cisco ou uma pestana tresmalhada. Nem se lembra do que por ela fizemos, a não ser quando, por exemplo, se vê na iminência de fazer exactamente o mesmo por outra pessoa. A minha experiência diz-me que a memória dos homens não só é curta, bem pequenina, como é também selectiva. Eles conseguem, de forma objectiva e fria —e isso eu aprecio, devo reconhecer—seriar, armazenar e categorizar as suas memórias pessoais da forma para eles menos sofrida. É exactamente desta forma que eles funcionam: escolhem diferentes gavetas que depois não voltam a abrir porque não se lembram mais delas e colocam lá essas lembranças mais desconfortáveis. Noutras gavetas, dispõem as memórias de forma exuberante e até cromática. Recordações brancas, de renda, vão para a primeira fila das gavetas de cima, recordações pretas acetinadas, vão para outra fila de gavetas, mais abaixo. Paralelamente, recordações adocicadas e frutadas vão para outra fila de gavetas e recordações amargas e insonsas são atafalhadas na gaveta mais cheia porque, com um pouquinho de sorte, a gaveta de tão cheia não voltará a abrir e se tal acontecer, essa peças já se terão transplantado, de forma garantidamente vomitada, para outro espaço qualquer, mais precisamente, para o fundo abissal da gaveta seguinte. Outras vezes, acho que são até mais radicais que isso: agarram nessas vivências, nessas memórias usadas já desbotadas e enfiam-nas em gavetas que têm puxadores de vidro, bem frágeis. Depois disso limitam-se a esperar, de forma categórica, pelo momento natural em que esses puxadores se irão irremediavelmente partir e assim impedir que eles venham novamente, a aceder às malvadas dessas ditas cujas gavetas. Também conheço alguns que, mais ainda do que relegar essas naturezas mortas para as gavetas, conseguem agir de uma forma voluntaria e invariavelmente sádica. Num dia frio de inverno retumbante, pegam no móvel das gavetas, nesse **aparador das dores** e escaqueiram-no todo, atirando a lenha para a lareira. É que afinal, até a lenha se anda a tornar um bem de consumo caro, com esta crise generalizada. Mas meu Deus, dirão vocês, «que foi que lhe aconteceu?». «Que atitude e palavras mais acres, mais corrosivas...», «que expressões mais fúnebres e até mesmo abortivas...» Negativo. Nada disso. A realidade é que eu vejo as coisas exactamente como elas são e não da forma que eu tanto gostaria. Ou melhor, vejo as coisas de cores diferentes das que seria suposto, mas até nem isso é significativo, pois a maior parte das vezes sou efectivamente míope. Além disso, descobri recentemente que também sofro de astigmatismo e tenho antepassados que até terão sido daltónicos.

Mas eu não posso perder-me no texto que estou a escrever, até porque não era bem isto que eu queria dizer. Na verdade, nunca é nada disto que quero escrever, mas acabo sempre por lá ir cair, por atalhos ou veredas, ou então em covas subversivas. A realidade é que estávamos a falar de Amor, que é lindo, universal e dispõe sempre bem, exactamente como a água das pedras depois de uma refeição mais frugal. Sim, o amor é lindo e assim convém !!!!!!!!!!! Às vezes tento

fazer um esforço para parecer um pouco mais doce, mais caramelizada. Já me acusaram, numa consulta de luto patológico a que continuo a ir, sabendo que isso não me leva a lugar nenhum, de ser extremamente agressiva, muito negativa. Parece que tenho uma personalidade muito rígida, muito incapaz de amortecer os disparates que eu e os outros fazemos. Sou teatralmente acutilante, e nunca páro de representar, mesmo quando já não há qualquer público por perto. Até posso ser, mas acho que nunca conseguiria ser de outra forma, a não ser que fosse atrasada mental. E mesmo que fosse atrasada mental, seria sempre um incómodo para as outras pessoas, sempre sem saberem como deveriam lidar comigo sem serem acusadas de impreparação ou então como gente com falta de sensibilidade social. E então, retomando o fio da meada que espero não venha a se tornar num incauto novelo, jogado para o canto da casa pelas patas coreógrafas de um qualquer bichano, eu quero deixar bem expresso que, estando inadvertidamente em meu local de trabalho, súbito me confrontei com pensamentos muito estranhos. Os meus neurónios tropeçaram nas várias categorias da biblioteca, e vi-me surpreendentemente a vogar, de forma original, pelas estantes atafalhadas de livros e calhamaços, de livretes, publicações, compêndios, monografias, manuais escolares e até de edições arcaicas, porventura carcomidas pelos ácaros mais insistentes. Deambulando (adoro este verbo, pois acho-o musical, marítimo e ondulante, e só por isso me faz logo lembrar do mar) pela superfície da biblioteca, fui assinalando as várias categorias, observando com atenção as várias prateleiras pejadas de livros, até que achei, mais tarde, que o meu campo de conhecimentos só ficaria devidamente arado se procurasse, na net, alguma informação suplementar para a organização e manutenção das bibliotecas. Foi então que mandei o google correr atrás da cdu (classificação decimal universal), tendo a preocupação de, sempre que esbarrava num local mais esconso, me certificar de que factos estávamos nós então tratando, iluminando com a luz fantástica do **Saber** essa zona mais sombreada do meu arcabouço intelectual. Talvez seja esta a minha tentativa mais próxima para me sentir realizada enquanto estratégia da informação, uma cavaleira templária em busca do Graal digital.

Enfim...retomando a minha épica aventura, devo dizer que a páginas tantas, quando me preparava para deslindar novas etapas desta minha luta pelo conhecimento, fiquei então suspensa, como se fosse uma teia pendendo do tecto, ao descobrir existir uma classe que entre as outras, não existia verdadeiramente. Passo a explicar o paradoxo: no meio de tanta classe ou categoria bibliográfica, constatei que a quarta, a 4— que prodigioso mistério, meu Deus !!!!— era inexistente. Tudo estava certinho, sequencialmente estruturado e até fazia todo o sentido, até que da categoria 3 (Ciências Sociais, Estatística, Sociologia, Demografia Economia, Direito, Política), se passava estranhamente para a classe 5, isto é, Matemática e Ciências Naturais. A verdade difícil de digerir, como se fosse um pimentão atravessado na glutona glote, era a de que, pura e simplesmente, **a classe quatro não existia**, aliás, era denominada por «classe vaga». Este facto sórdido, para bem dos pecados de muita gente, inclusivamente eu própria, que só então iniciei a minha celibatária missão de decifrar este enigma, transformou-se daí para a frente no meu alvo a abater. «Classe vaga» ?? «Que tipo de classe vaga?? E porquê, vaga?????????» Convenhamos que era, no mínimo, bastante estranho e tal como tudo o que é inquietantemente estranho, era um mistério apetecível e prioritário. Tentar compreender a razão de ser de algo que afinal não existe, não é bem um exercício fácil. Numa das minhas batalhas terríveis enfrentando a Besta Ladrador, qual Demanda nacional, achei que essa eventualidade— que, tal como disse, se configurava estranhamente como real— me começava, de forma absolutamente invasiva, a

preocupar. Daí até sentir que precisava cumprir uma necessidade fisiológica foi um pequeno passo, e então, qual Neil Armstrong segurando nas frementes manópulas o estandarte terreno, encaminhei-me para o wc. Estou a fazer referência a este humilde e vergonhoso detalhe, apenas porque, como veremos, ele se prende de forma inequívoca ao desenrolar deste menor, profano e incompreensível **mistério**. Foi exactamente no momento em que lavei as mãos (pensando filosoficamente que «uma mão lava a outra» e que «não há nada que a água não lave») que olhei para o espelho e me assustei. Quer dizer, assustei-me um pouco mais do que é habitual, pois a face que do lado de lá olhava para mim com cara de parva, apresentava-se absolutamente desgrenhada. Joguei as mãos ao cabelo, às longas melenas" loiras mas castanhas na raiz" e tentei, sem sucesso, prender o cabelo com os ganchos, o melhor que podia. O resultado não foi suficientemente paliativo, pois quando me olhava ao espelho só conseguia ver, de cada vez e cada vez mais, um emaranhado de pontas e cabelos secos tipo esfregona, caindo-me dos lados da face. Fascinada com aquele autêntico ninho de ratos, desfiz e tentei, aí pela sétima e já cansativa vez, prender o cabelo, não digo de forma perfeita, mas ao menos, aceitável. Já em desespero absoluto (enquanto o sarcástico pensamento me ocorria—« assim, como assim, que se lixe...»)— abandonei a casa de banho, reencaminhando-me para a biblioteca. «Valores mais altos se levantam», pensei eu para os meus botões. Além disso, tal como rezava o lema de uma das minhas esquadras preferidas, «de nada a forte gente se temia». Estava eu prestes (sempre que uso esta palavra também me lembro logo do Prestes João) a sentar-me e a retomar o Fio de Ariana, quando um aluno me procurou, pedindo ajuda. Solícita e bem humorada— adoro sempre que se dirigem a mim, mesmo que seja para me pedir explicações, pois isso dá-me a feliz ilusão de que afinal ainda sei alguma coisa— sentei-me com o aluno numa mesa e estive para ali umas duas horas a tentar explicar de que forma, perante uma situação problemática em termos morais, devemos seguir a teoria de Kant (ou seria Aristóteles?) ou então a teoria utilitarista do Mills .

Então e depois ??????????????..... Depois lá tive que interromper isto e ir verificar se era Aristóteles ou Kant. Essa dúvida existencial perseguiu-me desde então, roubando-me todo o **estro**. Ena, que palavra linda! Posso não saber de quem é a teoria, se do Kant ou do Aristóteles, mas ao menos sei o que «**estro**» significa. Antecipando o vosso empenhado labor em decifrar o significado da palavra, aceitem-no por favor, de bandeja: «Estro» significa... «inspiração, engenho, veia poética». Depois de ter achado que tinha realizado algo de útil, pois é assim que todos temos que pensar de acordo com os utilitaristas (pensar em função das consequências, que se esperam, sejam sempre positivas, para nós sujeitos actuantes), voltei à minha realidade de todos os dias. Finda a função, alegre por ter feito algo de bom, encaminhei-me para me despedir do trabalho por esse dia e retornar a casa, de onde nunca deveria ter saído. Assim que cheguei ao carro, este estacionado por trás do sol-pôr, respirando uma atractiva lufada de consciência cumprida, olhei para o espelho retrovisor e súbito, tudo parou. Primeiro porque sou torta e continuo a usar no Corsa um espelho retrovisor completamente *demodé* e miserável, de velho e partido, apenas porque foi o meu irmão que há uns 15 anos atrás o colocou lá, para que eu pudesse ter uma dimensão mais realista da retaguarda. Depois, mas não menos importante, porque ao encontrar a minha imagem, deparei-me com a mesma cara de parva, à excepção de, desta vez, só ter um brinco. Quanto ao outro, tinha desaparecido. Ainda em choque, pensando a mil à hora como havia de resolver aquela infeliz descoberta, recuperei a imagem saudosa de uns brincos que foram apelidados pelo meu filho de «roscas», e que eu havia religiosamente guardado para usar um dia destes, nunca esperando, é claro, que fosse logo

perder um deles. Imediatamente tracei um plano de recuperação. A verdade é que eu tinha que tomar uma atitude, face à situação em si. Depois de ter estado de cabeça para baixo uns 2 minutos a inspeccionar o interior do carro, depois de ter finalmente constatado que o estúpido do brinco tinha levado sumiço, tive que mudar de estratégia. E qual?

Voltar ao local do crime e procurar por ele até conseguir encontrá-lo, pois então. Saí de novo do Corsa, desta vez já bem perto, junto ao portão da escola e empreendi mais uma tentativa inútil de resgatar o bendito brinco. A única coisa que minorava o meu aborrecimento (detesto perder seja o que for, por mais irrisório que seja...) foi ter pensado para com os meus botões que, pelo menos, não havia posto os brincos que são de facto de ouro, pois dessa forma estaria agora a chorar sobre o leite derramado e completamente desbaratado. Além disso procurava pacificar a minha fúria pensando de forma optimista que ao menos, não tinha perdido os dois, logo, sempre poderia continuar a colocar o sobrevivente. Imaginei o rosto do Johnny Depp, a piscar-me o olho, com aquele seu ar maroto de eterno *enfant terrible*, neste caso, de pirata das Caraíbas. Apesar de ter apenas um brinco (uma linda pérola barroca pendendo-lhe do lóbulo), ele estava perfeito. Ou será que tinha dois brincos, um em cada orelha? Tentei visualizar a cena do último filme que vi da saga, mas não consegui de todo recuperar a sua imagem, pelo que desisti. Aliás, ao Johnny Depp tudo fica bem, mesmo que se trate de apenas um brinco. Depois pensei que poderia ensaiar um *styling* ainda mais excêntrico do que aquele que costumo ter todos os dias e imaginei-me com um brinco de cada naipe. Isso faria com que eu tivesse que escolher qual o meu lado mais fotogénico, se o da orelha esquerda ou o da direita. A seguir, veio-me à cabeça o pensamento de que de acordo com um documentário que havia visto recentemente, o homem sente-se atraído, na generalidade, por alguém que apresente uma melhor simetria no rosto. Embora não exista a simetria total (a não ser que sejas um ciborgue criado num laboratório a partir de um molde correcto), ela, de facto, importa, provavelmente tanto quanto aquela história do «tamanho». Enfim, sei que passei em revista todo e qualquer espaço por onde havia estado, perguntei a todas e quaisquer pessoas se tinham visto o meu brinco, fui investigar todos os recantos das casas de banho onde havia ido e até debaixo da mesa onde estive sentada no bar, eu procurei. Debalde. E sem esfregona, claro. Impossível detectar o rasto do brinco. Podia estar em milhares de sítios, guardado avidamente por algumas mãos estranhas que viram nele uma pequena oportunidade de mudar a sua imagem. Sim, porque quem apanha um brinco, depreendo que seja para o vir a usar mais tarde. Não faz sentido apanhá-lo do chão e depois encafuá-lo numa qualquer gaveta, votado ao esquecimento ou inerte pelo medo grosseiro de vir a ser descoberto usando algo que não foi nunca nosso. Ainda a propósito disto, no meio de tanta frustração, ainda arranjei um espaço para me recordar dos meus tempos áureos, quando eu ainda acreditava que até tinha jeito para escrever e que tinha inventado uma máxima, da qual tanto me orgulhava, pela inteligência, espírito de síntese nela contida: «Quase nunca brinco, mas se brinco, prefiro um colar». Mas isso agora de pouco me servia. De orelha literalmente «murcha», encaminhei-me para o carro, de novo, maldizendo a justiça divina. E logo eu, que me portara bem, que tinha feito algum bem (achava eu), tinha sido injustamente castigada pelo destino: perdera, qual ovelha ronhosa, a argola que trazia na orelha e que me lembrava o ovil a que pertencia. De volta à minha vidinha comum, desta feita bem mais disfórica do que anteriormente, encaminhei-me e fui ter com a minha mãe a quem tive oportunidade de chorar as minhas mágoas, embora ela me tenha dito, simpaticamente, «pronto, deixa lá, filha». A ideia era retirar o mesmo ensinamento que subsistia à triste história daquela criatura que vai na rua e é atropelada, partindo uma perna.

Pode ter partido uma perna, mas pelo menos ainda tinha a outra boa, ou antes, pode ter sofrido um atropelamento, mas o realmente importante é que, mesmo assim, não chegou a morrer. Muita água se passou debaixo da ponte nesse fim de tarde. A vida continua, indiferente aos nossos percalços pelo caminho tortuoso.

Era já noite cerrada, quando, antes do jantar que me dá a alegre sensação de continuar a ser uma boa mãe, tive que ir ao wc, novamente para satisfazer mais uma necessidade fisiológica. Foi então que me ocorreu o pensamento que dá o título a esta história. Vai na volta e o estúpido do brinco tinha ido para a classe quatro da biblioteca, isto é, tinha-se perdido para sempre e, à semelhança da **categoria quatro da cdu**, tornara-se inexistente. Achei brilhante esta analogia, mas, de súbito, lembrei-me da perda e imaginei como reagiria se visse uma miúda apresentar-se à minha frente, com o meu brinco na orelha. A minha expressão facial toldou-se e ficou bem mais agressiva. Afinal de contas, o seu acto não era assim tão pouco ético. «Quando se deslocava pelo bendito corredor da escola, descortinara um brinco, tipo «rosca» e como evidentemente, ninguém se achava por perto nem havia notícia de quem o pudesse ter perdido, inclinara-se para ele e tinha-o recolhido na algibeira». Portanto, nada mais natural. Estava eu a recompor as roupas, quando de súbito senti algo a incomodar-me junto do soutien. Encaminhei a mão para a mama direita e procurei perceber aquela sensação de desconforto, quando subitamente, ocorreu a minha **epifânia**.

(Mais uma palavra linda, como convém à situação inesperada). Sem mais nem menos, com um ruído metálico «cloc», o bom do brinco desaparecido e enfim, até então infelizmente perdido, precipitara-se para o chão, surgindo aos meus olhos como um autêntico milagre. Aleluia! Dupla aleluia pois de seguida até a periquita para o chão também se precipitou. Chamo-lhe «periquita», porque no fundo não sei bem que palavra usar. Sei que esta palavra me deixa algo desconfortável, mas no aperto da não lembrança, vai dando para o gasto. A minha alegria foi enorme, senti que esta revelação me tinha trazido de novo a luz, iluminando-me o caminho. Senti-me leve, gasosa, a agitar as asas de tanta alegria, qual uma borboleta do Bolshoi. Só mais tarde, reflectindo melhor sobre o assunto, percebi a lição que havia aprendido. Mesmo quando achamos que é inexistente, convém sempre ter em conta que não devemos excluir a categoria quatro. E então porquê? Porque pode surgir, inesperadamente, uma razão válida para que, por fim, venhamos a dar-lhe utilidade e assim cumpra-la na **cdu**. O que se passou com este meu brinco é análogo ao que se passa com a categoria quatro. Embora não conste materialmente, há que fazermos conta sempre com a sua possibilidade, isto é, a eventualidade de se tornar necessária e por isso, real. E depois disto, a única coisa que me resta dizer é **«sei para onde foi a classe quatro»**. Vou reflectir mais neste assunto e depois, se chegar a alguma conclusão que se aproveite, então vo-la comunicarei. Até esse momento surgir, o prazer foi todo meu.

A eterna descobridora,

Carla Roque e Cunha